

As noções de intenção e intencionalidade sob a perspectiva da Sociolinguística Interacional: reflexões teóricas e análise de duas situações de interação

*Notions of intent and
intentionality from the
perspective of Interactional
Sociolinguistics: theoretical
reflections and analysis of
two situations of interaction*

Lucas Martins Gama KHALIL (UNIR)
lucas_mgk@hotmail.com

KHALIL, Lucas Martins Gama. As noções de intenção e intencionalidade sob a perspectiva da Sociolinguística Interacional: reflexões teóricas e análise de duas situações de interação. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 351-370, ago./dez. 2017.

Resumo: Este artigo objetiva refletir acerca das noções de intenção e intencionalidade, sobretudo a partir dos pressupostos teóricos de John Gumperz, principal representante da Sociolinguística Interacional. Trata-se de um tema bastante complexo, tendo em vista que pode suscitar a ideia de plena consciência do indivíduo, rejeitada por algumas perspectivas teóricas. É necessário destacar que a intencionalidade adquire uma interpretação bastante específica no interior da Sociolinguística Interacional, que a distingue, por exemplo, do termo “intenção”. Além de estabelecer relações entre a teoria principal assumida por este trabalho e algumas outras perspectivas teóricas que contribuem para essa discussão, como a Análise do Discurso e a Linguística Textual, propomos duas breves análises a fim de mobilizar o conceito de intencionalidade a partir de situações concretas de interação. Os casos em análise são dois vídeos disponíveis na Internet. No primeiro, um quadro de um programa televisivo, em que há uma situação de comunicação face a face na qual podemos observar a negociação de uma determinada intencionalidade entre os interlocutores; no segundo, um videoclipe musical, em que, embora não

haja um alocutário individual, funcionam determinadas estratégias de cerceamento do sentido em conformidade com uma intencionalidade específica.

Palavras-chave: Intenção. Intencionalidade. Sociolinguística Interacional.

Abstract: This article aims to reflect on the notions of intent and intentionality, especially considering the theoretical assumptions of John Gumperz, main theorist of Interactional Sociolinguistics. This is a very complex issue, given that it can evoke an idea of full consciousness of the individual, rejected by some theoretical perspectives. It is necessary to emphasize that intentionality acquires a very specific interpretation within Interactional Sociolinguistics, which is different, for example, from “intent”. Besides establishing relations between the main theory assumed in this article and some other theoretical perspectives that contribute to this discussion, such as Discourse Analysis and Text Linguistics, we propose two brief analyzes in order to demonstrate how the concept of intentionality operate in concrete situations of interaction. The cases under analysis are two videos available on the Internet. In the first, part of a TV show, there is a face to face communication where we can observe the negotiation of a specific intentionality between the interlocutors; the second, a music video, although there is not an individual audience, certain strategies of delimitation of meanings operate in accordance with a specific intent.

Keywords: Intent. Intentionality. Interactional Sociolinguistics.

Introdução

A palavra “intenção” é empregada com recorrência em situações do cotidiano e, na maioria das vezes, indica o conjunto de motivações e finalidades que leva alguém a realizar determinado ato de determinada maneira. Do ponto de vista teórico, entretanto, é necessário circunscrever tal termo em relação a uma perspectiva peculiar de pesquisa. Quando se fala em intenção, pensa-se em um indivíduo totalmente consciente frente às suas estratégias de ação? Quais são os necessários pontos de intersecção entre a intencionalidade e a atividade comunicativa? É possível afirmar uma relação sinonímica entre intenção e intencionalidade? É sobre essas e outras questões afins que objetivamos refletir no presente artigo.

A base teórica fundamental deste trabalho é a Sociolinguística Interacional, corrente de estudos linguísticos cujo principal representante é o norte-americano John Gumperz. Essa perspectiva funda-se a partir da necessidade de uma teoria sociolinguística que leve em consideração a função comunicativa da variabilidade linguística, de modo que possa explicar o comportamento individual dos falantes em situações concretas de interação. Na teorização de Gumperz, as noções de intencionalidade e intenção exercem importantes papéis. Por isso, o primeiro tópico do artigo dedica-se à apresentação da Sociolinguística Interacional, sobretudo dos elementos que se relacionam com o escopo temático aqui destacado.

Discorreremos, no segundo tópico, acerca da relação entre intencionalidade e intenção, tendo em vista que, a princípio, tais termos parecem se comportar como sinônimos. A partir de uma análise mais detalhada, recorrendo a alguns filósofos e também a outras vertentes da Linguística, como a Análise do Discurso, tal sinonímia não mais se sustenta. Dessa forma, consideramos pertinente a realização de algumas reflexões teóricas externas à Sociolinguística Interacional para que possamos apreender de forma mais abrangente e crítica o tema.

Antes das considerações finais, empreenderemos duas breves análises de situações de interação, a fim de que possamos mobilizar o funcionamento do conceito de intencionalidade e discutir suas especificidades a partir de dados concretos. Os casos em análise são dois vídeos disponíveis na Internet. No primeiro, um quadro de um programa televisivo, em que há uma situação de comunicação face a face na qual podemos perceber a negociação de uma determinada intencionalidade entre os interlocutores; no segundo, um videoclipe musical, em que, embora não haja um alocutário individual, funcionam determinadas estratégias de cerceamento do sentido em conformidade com uma intencionalidade específica.

A Sociolinguística Interacional de Gumperz

A Sociolinguística Interacional é uma vertente da Sociolinguística que se originou a partir da necessidade de uma teoria que levasse em consideração o comportamento individual de falantes em situações concretas de interação e não apenas a relação entre aspectos sociais e a quantificação de dados linguísticos. Para Figueroa (1994), essa vertente teórica aproxima-se de pressupostos da Sociologia Interacional, de autores como Goffman e Garfinkel, além de dialogar com alguns filósofos da linguagem, como Austin e Grice. Há certo parentesco, também, com a Etnografia da Comunicação, desenvolvida por Dell Hymes, sobretudo na consideração dos conceitos de contexto e competência comunicativa. Os dois autores, Hymes e Gumperz, são, inclusive, parceiros na escrita de textos entre as décadas de 1960 e 1970.

A Sociolinguística Interacional, embora se distancie, por exemplo, da perspectiva laboviana, não rejeita o aspecto social da linguagem; ela está preocupada, antes, com os conhecimentos envolvidos na interação, ou seja, com o processo interpretativo engendrado por certos comportamentos linguísticos e intenções. Numa situação comunicativa,

os sentidos não seriam pré-determinados, mas se desenvolveriam no interior da própria interação.

Na fundação dessa corrente de estudos, Gumperz estabelece pontos de divergência em relação à Etnografia da Comunicação, apesar de certas afinidades teóricas com Hymes. Para Gumperz (1982a, p. 155), a Etnografia da Comunicação não teve sucesso em explicar de forma adequada o comportamento singular dos falantes em situações de comunicação face a face, pois tal perspectiva

[...] tende a ver os eventos de fala enquanto unidades delimitadas funcionando um tanto como sistemas sociais em miniatura nos quais normas e valores constituem variáveis independentes, separadas da própria linguagem¹ (GUMPERZ, 1982a, p. 155, tradução nossa).

Dessa forma, além de considerar o social e o linguístico como questões apartadas, aspectos relativos ao indivíduo seriam deixados em suspenso, vide uma interação constituída por “minissistemas sociais”.

A Sociolinguística Interacional dialoga constantemente com os estudos da Análise da Conversação, sobretudo em se tratando de unidades de análise como turnos de fala, pares adjacentes, tópicos etc. A preocupação central de Gumperz, todavia, não reside em aspectos como o ordenamento organizacional de sentenças e turnos de fala, mas sim na interpretação de uma intencionalidade conversacional que particularizaria determinada interação. A análise dos elementos linguísticos deve considerar, por isso, as situações concretas nas quais tais caracteres ocorrem. Um mesmo signo, nessa perspectiva, pode indicar sentidos diferentes se realizado em determinadas condições e não em outras.

A análise de uma situação de interação, na perspectiva de Gumperz, deve partir da descrição do “tipo de atividade” envolvido (uma “discussão sobre política” ou uma “conversa sobre o clima”, por exemplo), pois é nele que podemos observar um objetivo comunicacional em comum, implicando um conjunto de “intenções” e expectativas. No entanto, tal conjunto passa por um complexo processo de “reavaliação”, desenvolvimento e mudança no curso da interação concreta, fato que faz o autor renunciar a uma análise restrita ao tipo de atividade. De acordo com Gumperz (1982a, p. 131):

¹ “[...] they tend to see speech events as bounded units functioning somewhat like miniature social systems where norms and values constitute independent variables, separate from language proper” (GUMPERZ, 1982a, p. 155).

[...] embora estejamos lidando com um ordenamento estruturado de elementos de mensagem que representam as expectativas dos falantes sobre o que acontecerá, ele [o tipo de atividade] não é uma estrutura estática, mas antes reflete um processo dinâmico que se desenvolve e se modifica enquanto os falantes interagem (GUMPERZ, 1982a, p. 131, tradução nossa)².

Esse modo de conceber o tipo de atividade é fundamental para nossas análises, pois, apesar de tal conceito implicar certas “intenções” prévias, há um processo de renegociação do sentido que se estabelece no curso da própria interação. Conforme defendem Gumperz e Cook-Gumperz (1982b, p. 11, tradução nossa), “as situações de fala [...] são objetivamente orientadas no sentido de que cada uma delas visa realizar algo”³. É válido ressaltar que, ao se referir a “intenções” ou a certa “orientação objetiva”, a Sociolinguística Interacional não pretende alcançar o que se passa realmente na mente do falante, mas sim especificar o direcionamento das condições que possibilitam a comunicação.

Autores como Goffman, segundo interpretação de Gumperz, definem a interação em termos de *frames* ou esquemas identificáveis e familiares, modos pelos quais a memória é organizada em termos de conhecimento de experiências e que servem de referência para que uma atividade comunicativa presente “faça sentido” (o *frame* de uma festa de aniversário infantil, por exemplo, possibilita que os interlocutores adiantem certas informações, tais como a presença de bolo, convidados, doces, enfeites etc). Conquanto tais elementos permitam a apreensão de expectativas, as interpretações comunicativas, na visão da Sociolinguística Interacional, ocorrem de maneira não tão previsível em situações concretas.

Gumperz compreende por comunicação uma atividade social que demanda esforços coordenados por parte de dois ou mais indivíduos. Dessa forma, um simples aglomerado de sentenças não constitui *per se* a comunicação. Segundo o autor, “somente quando uma ação [move] tiver elicitado uma resposta, podemos dizer que está ocorrendo uma comunicação”⁴ (GUMPERZ, 1982a, p. 1, tradução nossa). Estabelecido

² “[...] although we are dealing with a structured ordering of message elements that represents the speaker’s expectations about what will happen next, yet it is not a static structure, but rather it reflects a dynamic process which develops and changes as the participants interact” (GUMPERZ, 1982a, p. 131).

³ “The speech activities [...] are goal oriented in the sense that each aims to get something done” (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 11).

⁴ “Only when a move has elicited a response can we say communication is taking place” (GUMPERZ, 1982a, p. 1).

um contexto comunicacional, emerge a competência comunicativa dos falantes, forma de conhecimento que permite julgamentos sobre os modos como agir ou interpretar as ações do outro no curso da interação. Tal competência envolve normas sociais que especificam, dentre outros fatores, os papéis dos participantes, os tópicos permitidos ou esperados em uma interação, os modos apropriados de enunciar.

Devemos salientar que a comunicação não se constitui apenas como a mobilização de um contexto. Um conceito que tem papel fundamental na teoria de Gumperz (1983, p. 131, tradução nossa) é o de “pistas de contextualização”, isto é, “qualquer traço de forma linguística que contribui para a sinalização de pressuposições contextuais”⁵. Tais traços se realizam, por exemplo, a partir de escolhas lexicais e sintáticas, alternância de estilos, estratégias de sequenciamento conversacional, fenômenos prosódicos, expressões estereotipadas etc. Constituem, portanto, marcas linguísticas que materializam certas pressuposições e direções enunciativas.

As pistas de contextualização entrelaçam-se ao já citado “tipo de atividade”, pois a atribuição de sentidos a essas pistas se realiza de acordo com as intencionalidades postas em cena nas situações concretas de enunciação. Conforme afirmamos anteriormente, a noção de intencionalidade tem um papel crucial na teorização de Gumperz. Embora sejam implícitos alguns conhecimentos envolvidos na comunicação, toda situação de interação implica certa intencionalidade, isto é, um direcionamento que pode ser definido em termos de objetivos, planejamentos, propósitos ou ações futuras. Não se trata, nesse sentido, de um mero raciocínio individual de finalidade, mas de uma construção inerente às atividades comunicativas e cujas nuances são apreendidas de forma compartilhada entre os falantes:

Dessa forma, quando falamos de intenção, trata-se da intenção comunicativa socialmente reconhecida que é implicada em tipos particulares de atividades sociais e sinalizada no discurso. A problemática que nos guia é descobrir o que se faz necessário para a manutenção da cooperação conversacional (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 17, tradução nossa).⁶

⁵ “[...] any feature of linguistic form that contributes to the signaling of contextual presuppositions” (GUMPERZ, 1983, p. 131).

⁶ “When we talk about intent therefore, we mean the socially recognized communicative intent that is implied in particular kinds of social activities signaled in discourse. Our guiding problematic is to discover what is necessary for the maintenance of conversational cooperation” (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 17).

Relacionar um contorno entonacional específico a uma atitude hostil ou amigável, por exemplo, não significa assumir que a marca linguística em questão é um correlato natural e previsível do sentido que ela produz. Em contrapartida, deve-se articular essa atribuição de sentido ao conjunto amplo do tipo de atividade comunicativa (com suas intencionalidades, expectativas, pressuposições), bem como às “mudanças de rumo” e peculiaridades de cada situação concreta de interação, tendo em vista que:

A inferência conversacional não deve ser vista como uma simples avaliação unitária da intenção, mas envolvendo uma complexa série ou cadeia de julgamentos, focalizando tanto o conteúdo quanto as avaliações relacionais de como as amarras dos enunciados são integradas ao que conhecemos sobre nossa cultura e sobre a situação imediata (GUMPERZ, 1982a, p. 207, tradução nossa).⁷

Para a Sociolinguística Interacional, não há a possibilidade de duas situações serem perfeitamente idênticas. Dessa assunção decorre o postulado de que o processo inferencial é de natureza sugestiva: nunca os sentidos podem ser totalmente predeterminados. Funcionam, na realidade, construções hipotéticas em relação à intenção comunicativa; isto é, deve-se considerar, em vez de valores absolutos, a interpretação do ouvinte acerca do que o falante deseja comunicar, lembrando que essa interpretação só será validada quando articulada aos conhecimentos pressupostos na atividade comunicativa.

Ainda sobre a constituição da intencionalidade, outro aspecto bastante ressaltado por Gumperz é o conhecimento ordinário sobre linguagem. Os participantes da interação recorrem frequentemente a esse tipo de conhecimento para “gerenciar” dada direção enunciativa ou até mesmo para explicar determinado comportamento. Esse aspecto reflexivo e avaliativo próprio às situações conversacionais poderá ser observado mais concretamente nas duas análises que compõem o penúltimo tópico deste artigo.

Intencionalidade e intenção: outras perspectivas

Com vista a uma abordagem comparativa da noção de intencionalidade, observemos o que afirmam Gumperz e Cook-Gumperz

⁷ “Conversational inference is best seen not as a simple unitary evaluation of intent, but as involving a complex series or chain of judgements focusing on both content and on relational assessments of how utterance strings are to be integrated into what we know about our culture and about the immediate situation” (GUMPERZ, 1982a, p. 207).

(1982b, p. 17) sobre o assunto na introdução da coletânea *Language and Social Identity*:

A noção de intenção é crucial e tem nos levado bem além de abordagens puramente abstratas da linguagem, permitindo que mostremos como as pessoas fazem construções, na interação, a partir do conhecimento social. O conceito de intenção por si só, entretanto, se for adaptado aos nossos objetivos, precisa de algumas modificações. Lidando com trocas conversacionais, nós não nos tratamos, e nem precisamos tratar, a questão psicológica do que o indivíduo tem em mente, mas focalizamos o modo como a intenção é interpretada por ouvintes comuns em um contexto particular (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 17, tradução nossa).⁸

Estamos empregando o termo “intencionalidade” (e não “intenção”) justamente para, nessa perspectiva, não confundirmos aquilo que é um fator psicológico individual, preterido pelos autores, e aquilo que consiste em um processo interpretativo no interior de situações concretas (objeto reivindicado pela Sociolinguística Interacional). Assim, em um contexto comunicativo particular, “a resposta [...] deve se relacionar ao que nós pensamos que o falante intenciona, mais do que aos significados literais das palavras usadas” (GUMPERZ, 1982a, p. 1, tradução nossa)⁹. Em *Discourse Strategies*, Gumperz cita o exemplo de um diálogo entre dois empregados de uma firma. O falante A inicia o diálogo com a frase interrogativa: “Você vai estar aqui por 10 minutos?”. A princípio, tal frase demandaria uma resposta do tipo “Sim/ Não”. No entanto, o falante B enuncia: “Vá em frente e faça seu intervalo. Demore o quanto precisar”. Podemos observar que a direção da conversação depende de uma interpretação que o falante B realiza sobre a suposta intenção que teria levado seu parceiro a formular a pergunta. Não se trata de remontar ao que o falante A pensou (no “âmago” de sua mente), mas sim notar os processos inferenciais que se deixam transparecer nas marcas linguísticas.

Nem sempre as situações de comunicação são “bem sucedidas”, como a que citamos no parágrafo anterior. A “falha” de comunicação,

⁸ “The notion of intent is crucial and has carried us far beyond the older, purely abstract, structural approaches to language, to enable us to show how people build upon social knowledge in interaction. The concept of intent itself, however, if it is to be adapted to our goals, needs some modification. In dealing with conversational exchanges we do not and need not treat the psychological issue of what an individual has in mind, but rather we focus on how intent is interpreted by ordinary listeners in a particular context” (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 17).

⁹ “The response, moreover, should relate to what we think the speaker intends, rather than to the literal meanings of the words used” (GUMPERZ, 1982a, p. 1).

de acordo com Gumperz, pode ocorrer devido à diferença de convenções que os participantes da interação utilizam. Se um falante emprega uma pista de contextualização cujo significado social não é compartilhado pelo alocutário, há a probabilidade de ocorrerem prejuízos na comunicação. Gumperz menciona o exemplo de garçonetes paquistanesas e indianas que, ao perguntarem se os clientes de um aeroporto queriam o molho “gravy”, o faziam com uma entonação descendente; os falantes do inglês britânico as interpretavam como grosseiras, pois esperavam uma entonação ascendente. Dessa forma, pouco interessa qual era a “intenção real” do falante A, pois a direção tomada pela situação comunicativa se determinou a partir da interpretação que se realizou acerca dessa intenção, mesmo que, de certa perspectiva, tal interpretação fosse “inadequada”. A questão da comunicação bem sucedida, para a Sociolinguística Interacional, relaciona-se intimamente à noção de mutualidade (referente a um “sistema de sinalização” em comum, às pressuposições, ao compartilhamento de expectativas); do mesmo modo, a falha comunicativa é consequência da falta dessa mutualidade.

Blom e Gumperz (1998, p. 39-40), analisando as reverberações da Sociolinguística Interacional, afirmam que:

[...] a maioria das discussões em pragmática não fazem diferença entre a intenção individual e a significância interpessoal dos padrões de uso, embora seja evidente que sem tal distinção seria impossível explicar o fato de que a mesma mensagem possa indicar elogio em algumas ocasiões e reprovação em outras (BLOM E GUMPERZ, 1998, p. 39-40).

De acordo com os autores, é ainda presente em alguns estudos pragmáticos a questão do “sujeito intencional”, aquele que deliberadamente agiria em função de um fim. Se não questionada, a transparência dessa intenção pode não considerar que os enunciados, ao se desprenderem de seu “dono”, passam pelo crivo interpretativo de outros falantes envolvidos na situação de interação, o que resulta na parcial ineficiência da “intenção primeira” e na multiplicidade de atribuições de sentido a uma mesma ocorrência linguística.

A partir dessas questões, podemos estabelecer relações com outras vertentes teóricas que discutem e/ou problematizam as noções de intenção e intencionalidade. A Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, baseia-se no pressuposto de que os sentidos não são transparentes. Em um acontecimento discursivo envolvendo posições-sujeito A e B, por exemplo, não ocorre meramente

uma “transmissão” de mensagem, tampouco um simples processo de codificação-decodificação, mas sim “efeitos de sentido” desencadeados por uma série de fatores: as condições sócio-históricas de produção, a rede de representações imaginárias (qual é a imagem que A faz da posição de B, por exemplo), além da inscrição em determinadas formações discursivas. Em relação a esse último aspecto, o fato de o sujeito ser interpelado por uma formação discursiva e produzir seus enunciados a partir de determinações por ela engendradas, os analistas do discurso defendem que o sujeito não é plenamente livre frente às suas “escolhas” e “intenções”:

A dificuldade atual das teorias da enunciação reside no fato de que estas teorias refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito, isto é, que elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da ideia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões etc. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 175).

Para a Análise do Discurso, o sujeito tem a ilusão de controlar e ser a fonte de tudo o que diz. Não se deve, segundo Pêcheux, transpor essa ilusão para o nível teórico, ou seja, defender, no interior da Linguística, que o sujeito é realmente “intencional” ou que controla de modo consciente aquilo que diz de acordo com as motivações envolvidas. Os sujeitos são atravessados por funcionamentos inconscientes, além de não pinçarem deliberadamente uma ou outra formação discursiva em que se inscrevem.

Deixadas em suspenso, momentaneamente, as diversas diferenças teóricas entre a Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso (tendo em vista que essa comparação mais ampla não constitui objetivo deste artigo), podemos observar que a questão do controle consciente dos usos da língua é também problematizada por Gumperz (1970, p. 204):

Os processos por meio dos quais os falantes codificam significados em sons são amplamente automáticos e por isso apenas parcialmente sujeito a um controle consciente. Independente da intenção individual, a forma de seu discurso depende do sistema gramatical de sua língua e da interpretação do que se ouve (GUMPERZ, 1970, p. 204, tradução nossa).¹⁰

¹⁰ “The processes by which speakers code meanings into sound are largely automatic and hence only partially subject to conscious control. Regardless of individual intent, the form of his speech always depends on the grammatical system of his language, and his interpretation of what he hears” (GUMPERZ, 1970, p. 204).

Pode-se compreender que a intenção, conforme a Sociolinguística Interacional, não é considerada em si mesma, como um completo “controle da situação”, visto que ela é sujeita a interpretações dos participantes da interação.

A descontinuidade do “direcionamento intencional” também é corroborada por outro analista do discurso, Dominique Maingueneau (2011, p. 53):

O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar. Mas ele pode se desviar em seu curso [...], retomar sua direção inicial, mudar de direção etc.

Não se nega que, em cada discurso, exista uma “direção” enunciativa; por outro lado, são refutadas as hipóteses de que o falante controla tal direção sob a forma de uma intenção individual e de que todos os sentidos são gerados em conformidade com a direção inicial a partir da qual supostamente o discurso teria se constituído.

Na Linguística Textual, a questão da intencionalidade é abordada de forma diferente. Baseando-se em estudos dos linguistas Beaugrande e Dressler, Koch (2009, p. 42) apresenta sete critérios de textualidade, que, grosso modo, constituem o conjunto das características que fazem um texto se comportar realmente enquanto um texto. Dentre os critérios citados, há a intencionalidade, que se refere fundamentalmente:

aos diversos modos como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas, mobilizando, para tanto, os recursos adequados à concretização dos objetivos visados. (KOCH, 2009, p. 42)

Tal critério tem como contraparte a aceitabilidade, que compreende “a concordância do parceiro em entrar num jogo de atuação comunicativa e agir de acordo com as suas regras, fazendo o possível para levá-lo a um bom termo”. Para a abordagem inicialmente realizada por Beaugrande e Dressler, dois critérios são centrados no texto em si (coesão e coerência), enquanto os outros cinco centram-se no usuário (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade). Essa perspectiva, se comparada à Sociolinguística Interacional, mostra-se não tão convergente em relação às assunções teóricas que discutimos até aqui. Em primeiro lugar, não é válido separar critérios plenamente textuais de critérios do usuário/contexto. A Sociolinguística Interacional não avaliaria a coerência, por exemplo,

apartada de tipos de atividade realizados na interação. Em segundo lugar, e mais importante, a perspectiva de Gumperz não conceberia os critérios de intencionalidade e aceitabilidade como duas coisas distintas, tendo em vista que, conforme já explicitado, o que funciona em uma interação não é a intenção “primeira”, mas o modo como as supostas intenções envolvidas são interpretadas pelos participantes.

A discussão acerca das noções de intencionalidade e intenção apresenta relações importantes com algumas bases filosóficas que, embora abordemos brevemente, não podemos deixar de citar. São Tomás de Aquino (*apud* ABBAGNANO, 1982, p. 547) desenvolve um conceito de intenção que se aproxima da perspectiva essencialmente voluntarista de algumas correntes linguísticas. Para ele, “a intenção é o nome do ato da vontade, estando pressuposto o ordenamento da razão que ordena alguma coisa para um fim”. Já Edmund Husserl prefere se referir à intencionalidade, conceituando-a como “a definição da própria relação entre o sujeito e o objeto da consciência em geral” (ABBAGNANO, 1982, p. 548), não mais como mera contraparte psíquica de fenômenos físicos, ou como direcionamento da vontade. Para Husserl, a intencionalidade é a característica fundamental que constitui a consciência, pois o objeto da escola fenomenológica não é o mundo tal como existe, mas o modo como ele é representado na consciência de cada indivíduo. A partir de certa intencionalidade, o sujeito “preenche” a significação de um objeto em sua consciência. Apesar de o filósofo centrar suas atenções para a “consciência”, observamos que a sua perspectiva, em comparação com a de São Tomás de Aquino, é mais próxima à Sociolinguística Interacional, até porque a consciência defendida pelos fenomenólogos é bastante relativizada (depende de representações assumidas por cada indivíduo), além de não pressupor a realização direta e contínua de intenções em relação aos objetos reais.

Análise de duas situações de interação

Embora existam normas sociais envolvidas na comunicação (normas que definem, por exemplo, as características dos tipos de atividade), discutimos até aqui que o foco da Sociolinguística Interacional se concentra nas situações concretas de interação, bem como nos indivíduos nelas envolvidos, pois essa teoria assevera que cada indivíduo é singular em sua subjetividade, interpretando as ações e intenções do seu parceiro da comunicação a partir de suas próprias

experiências subjetivas.

Propomos neste tópico duas breves análises. Em ambas as situações, a interpretação das intenções dos participantes da interação exerce um papel crucial e bastante identificável a partir de marcas linguísticas. Na primeira delas, há uma “falha” de comunicação proveniente de uma discordância na interpretação do que foi primeiramente enunciado. Na segunda, tem-se uma tentativa de “controlar” o dito, a fim de que não haja esse tipo de incompreensão.

“*Se nada der certo...*”

A situação de interação que analisaremos a seguir aconteceu no programa televisivo “Domingão do Faustão”, da Rede Globo¹¹. Como a cena envolveu certo desentendimento entre o apresentador e a entrevistada, o acontecimento foi noticiado em alguns lugares da mídia, o que gerou uma considerável circulação à época do acontecimento (março de 2014). A entrevistada de Fausto Silva é uma ex-participante do *reality show* Big Brother Brasil e, como sabemos, no Brasil, essa condição confere alguma notoriedade, mesmo que passageira, à pessoa. Na situação, a entrevistada fala, como pessoa em evidência na mídia, sobre seu futuro:

A (Tatielle Polyana): Não deu tempo nem de pensar em nada ainda, mas as porta de trabalho já está abrindo bastante aí pra mim e vou batalhar bastante... [volta-se para as bailarinas do Faustão] e se nada der certo na vida ó, eu posso virar uma bailarina...

B (Fausto Silva): Que isso, se nada der certo, virar uma bailarina, aí que ‘cê se engana. Tem que estudar muito, eu acho que é difícil, na sua idade, virar bailarina. Aos vinte e quatro anos, é ué! Tem que dançar muito... han?

A: É vinte e dois...

B: Sim, mas bailarina geralmente começa quando criança e ‘cê não sabe... bailarina... tem que estudar... ô, Nakamura, fala pra ela quanto tempo cê estudou pra tornar uma bailarina.

¹¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jp25BnICclk>>. Acesso em 20 set. 2016.

C (Nakamura): ô, Polly! Te elogiei tanto...

A: Eu já fiz aula de dança, já fiz aula de jazz...

B: Ah, ela já fez de dança, então tá certo, tá bom, só falta só o português então. Às seis e vinte e seis, ‘brigado...

O ponto nevrálgico do desentendimento ocorre quando Tatiele se volta às bailarinas do programa de Fausto Silva e afirma, com tom jocoso, que “[...] se nada der certo na vida, eu posso virar uma bailarina”. O apresentador, interpretando a afirmação como uma injúria às suas bailarinas, começa a defendê-las, o que cria um clima não amigável, findado com certa ofensa em relação ao português falado pela entrevistada e com o corte repentino da entrevista. Não cabe a nós “desvelar” o que se passou pela mente de Tatiele, suas reais intenções com o enunciado que proferiu, mas sim chamar a atenção para processos interpretativos que fazem a situação de interação prosseguir em uma direção determinada.

A entrevistada, em uma hipótese bem remota, poderia ter sido movida pela intenção de ofender as bailarinas. No entanto, é mais provável que, induzida pelo seu conhecimento de mundo em relação ao tipo de atividade do qual participava (o “Domingão do Faustão” é uma atração dominada por uma atmosfera muitas vezes humorística e descontraída), Tatiele tenha tentado fazer uma brincadeira, afinal, estava participando de uma entrevista de um teor leve, divertido. Não há como saber, ao certo, a intenção, e nem é o nosso propósito neste artigo. Em contrapartida, podemos observar como as pistas de contextualização são interpretadas pelos falantes, como no começo da contribuição conversacional, quando o falante A diz “se nada der certo”. Para o falante, o “nada” pode ter se referido àquilo que foi dito anteriormente, “as portas se abrindo” para profissões que geralmente são ocupadas a ex-participantes de *reality shows*, informação possivelmente inferida. Já para o ouvinte, a expressão “se nada der certo” significou “se tudo der errado”; isto é, ser bailarina do Faustão não foi interpretado como uma possibilidade dentre as várias que a deixariam em evidência na mídia, mas teria indicado uma subestimação dessa atividade como a mais desprestigiada das profissões. É inclusive nessa oração subordinada condicional que reside a possibilidade de desentendimento, pois, se Tatiele tivesse dito apenas “eu posso virar uma bailarina”, seu enunciado provavelmente não teria soado como uma ofensa.

Mesmo após o desencadeamento da suposta ofensa, os participantes não entram em consenso acerca do direcionamento da conversação: enquanto Fausto Silva tenta desconstruir a imagem negativa criada em relação à profissão de bailarina (buscando inclusive argumentos de autoridade, como a recorrência a uma de suas assistentes, também bailarina), Tatiele, como se a ofensa não tivesse sido realizada, busca, em suas poucas interferências posteriores, citar argumentos que a credenciam à possibilidade de ser bailarina do Faustão (“É vinte e dois [anos]”, “Já fiz aula de balé, de jazz”). Assim, não é apenas uma interpretação da intenção que ocorre em situações de interação; há certa renegociação dessa intencionalidade, sobretudo a partir das expectativas dos interlocutores e das inferências que são realizadas no caminhar da conversação.

A fala final de Fausto Silva é emblemática da interincompreensão aferida na situação em questão. Além de terminar a entrevista de forma bastante abrupta (“Às seis e vinte e seis, ‘brigado...”), o apresentador já nem se refere mais a Tatiele como “você”; em vez do pronome de tratamento, diz “*ela* já fez dança”, interagindo não com a entrevistada mas com o público e evidenciando, assim, certa rejeição em relação à convidada. Fausto Silva ironiza, ainda em tom de crítica, o português falado por Tatiele (“falta só o português então”), retrucando a afirmação de que ela teria feito vários cursos relevantes para a profissão de bailarina. Nota-se que, somadas às inferências interpretativas sobre as intenções envolvidas, certas avaliações sobre o modo como o parceiro usa a língua podem direcionar as imagens que os interlocutores representam entre si. Tatiele, além de pronunciar os “r” em coda silábica de modo retroflexo (característica linguística muitas vezes estigmatizada como “caipira”), realiza concordâncias nominais e verbais de uma forma considerada não padrão pela gramática normativa: “as *porta* de trabalho já está abrindo bastante”. Portanto, ao entrar em conflito com a entrevistada, Fausto Silva lança mão dessa imagem estereotipada (da “caipira que fala errado”) para dar força ao seu ponto de vista e menosprezar, de certo modo, a sua interlocutora.

“Taca-lhe pau”, mas isso não significa que...

Diferentemente da situação anteriormente analisada, a interação que analisaremos a seguir se desenvolve com um falante que, embora se dirija a outro falante presente, instaura um diálogo com interlocutores

possíveis, não presentes, a fim de estabelecer um “contrato” de intencionalidade e evitar mal entendidos. Dois vídeos que circulam na internet são os objetos dessa análise¹². No primeiro, de poucos segundos, um menino do interior de Santa Catarina narra seu primo descendo de uma ladeira com uma espécie de carrinho de rolimã:

Leandro: Pode *vim*, Marcos! Lá vem o Marcos... descendo o morro da Vó Salvelina. Taca-lhe pau nesse carrinho, Marcos! Taca-lhe pau, Marcos! Taca-lhe pau, taca-lhe pau, taca-lhe pau! Mas ah, Marco *véio*!

O vídeo em questão se espalhou rapidamente e virou uma “febre”: teve mais de cinco milhões de visualizações no principal site de compartilhamento de vídeos da Internet e isso fez com que os protagonistas do vídeo fossem convidados a participar de diversos programas televisivos. O locutor do vídeo, Leandro, chegou a gravar uma peça publicitária de divulgação do Grande Prêmio de Fórmula 1 do Brasil, bastante anunciada nos meses que antecederam à corrida. Qual o motivo de tanta repercussão? Além de a cena ser narrada com um sotaque bem peculiar, a expressão regional “taca-lhe pau”, que denota incentivo (assim como “mete bala”, “vai fundo”, “manda ver”) popularizou-se rapidamente, tornando-se um “bordão” reverberado nos meios midiáticos.

O aspecto que nos interessa no vídeo é o seguinte: a partir do momento em que ele se difunde, os internautas e outros telespectadores passam à condição de interlocutores virtuais e, por isso, podem vir a interpretar a opacidade da expressão “taca-lhe pau”, inédita para muitos deles, pelo fato de não compartilharem socialmente, a princípio, as mesmas inferências sobre a expressão em questão. É comum que os falantes, mesmo sem a interferência direta de um ouvinte, se debrucem sobre o próprio discurso, reformulando-o, parafraseando-se e inclusive retificando-se. Essa característica evidencia o fato de que a direção enunciativa, vista a partir da noção de intencionalidade, é constantemente renegociada pelos participantes da interação, até nos casos em que o ouvinte é ausente, virtual. O próximo vídeo, parcialmente transcrito abaixo, simboliza justamente essa forma de “apropriação”

¹² Disponíveis, respectivamente, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eeQwPExFNRU>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=iFd62RdH6s4>>. Acesso em 20 set. 2016.

dos sentidos na interação, visto que nessa canção (*Taca-lhe pau*, Marco véio, do grupo de música gaúcha Fogo de Chão), baseada no primeiro vídeo, o menino Leandro faz algumas participações, dialogando com o intérprete da canção, nas quais tenta restringir a intencionalidade envolvida na expressão regional que ele ajudou a popularizar:

[...] A (Intérprete da canção): Fala, Leandro!

B (Leandro): Só pra te *alembrar*... *taca-lhe pau* é só uma força de expressão.

A: É verdade, companheiro.

B: Porque gaúcho que é gaúcho trata bem os *bichinho*. *Taca-lhe pau*, gaitero véio. *Taca-lhe pau* nessa gaita, Gustavo! *Num froxa*, *taca-lhe pau*!

[...] A: Fiquei sabendo que tu, gurizinho Leandro, é campeão de gineteadas e mais gineteadas, troféus e mais troféus guardados na prateleira. Mas ah, guri véio.

B: Aqui em casa eu tenho *dois troféu* da gineteada...

A: Então me conta, faz tempo que *tu anda* a cavalo, tchê?

B: Desde um ano de idade eu ando a cavalo.

A: Hummm, medonho!

B: Gaitero, guarda um balanço pra Vó Salvelina! [...]

Assim como na análise do diálogo entre Tatiele e Fausto Silva, não cabe a nós definir se as atitudes tomadas foram conscientes ou se, por exemplo, a ideia de explicar a expressão partiu do próprio Leandro ou de outra pessoa, um adulto. Esses são aspectos secundários e não interessam à Sociolinguística Interacional. O fato é que tais atitudes demonstram uma tentativa de controlar a intencionalidade, ou seja, “domesticar” os sentidos que poderiam vir a ser inferidos a partir das marcas linguísticas.

Quando se trata de uma expressão regional, as possibilidades de incompreensão são mais reais, considerando que o próprio léxico já aponta para particularidades semânticas. Na transcrição do vídeo, muitas palavras e expressões são bastante peculiares. Umas, por serem mais conhecidas, não dificultam a compreensão (“gurizinho”, por exemplo); já outras, como “gineteada”, são mais restritas. Palavras como “medonho” são mais difundidas entre falantes do português em geral, porém podem adquirir significações particulares tendo em vista os regionalismos (nem todos falantes do português interpretariam “medonho” da maneira como o gaúcho a utilizou no diálogo em questão).

Nesse sentido, a retificação realizada (“Só pra te *alemb*rar... taca-lhe pau é uma força de expressão. Porque gaúcho que é gaúcho trata bem os *bichinho*”) age no sentido de desfazer parcialmente as possíveis incompreensões resultantes do contato entre falantes, presentes ou virtuais, que não compartilham a mesma variante regional. Essa atitude de retomada do que é dito evidencia que a negociação da intencionalidade é um processo constante nas situações de interação; assim como no caso em análise, nem é necessário que o ouvinte interfira de forma explícita para que o falante exerça seu papel nesse processo. De acordo com a interpretação “inadequada” que o falante adiantou para prevenir o mal entendido, “taca-lhe pau” poderia significar uma expressão que, no trato com animais (cavalos, por exemplo), indica violência e, por isso, não combinaria com a imagem de ingenuidade e pureza que se constrói (ou se tenta construir) em relação à criança que fez o vídeo.

Considerações finais

Nas análises anteriormente realizadas, pôde-se observar que, no curso da interação, “interpretações são negociadas em conjunto pelo falante e pelo ouvinte, e os julgamentos são confirmados ou modificados pelas reações que eles evocam; elas não precisam ser inferidas a partir de um único enunciado”¹³ (GUMPERZ, 1982a, p. 5, tradução nossa). Nessa perspectiva, é necessário que consideremos cada situação de comunicação em suas particularidades. Partindo apenas da noção de tipo de atividade (por mais que ela seja importante), não se alcança previamente um fio intencional que guia a interação em sua completude,

¹³ “[...] interpretations are jointly negotiated by speaker and hearer and judgements either confirmed or changed by the reactions they evoke; they need not be inferred from a single utterance” (GUMPERZ, 1982a, p. 5).

tendo em vista que o fundamental é o modo como as inferências sobre a intenção vão sendo realizadas e, por vezes, desconstruídas ao passo que avançam as contribuições conversacionais. A Sociolinguística Interacional assevera que:

[...] uma abordagem sociolinguística da comunicação deve mostrar como os traços discursivos contribuem para a interpretação dos participantes em relação aos motivos e intenções de seus parceiros e mostrar como tais traços são empregados visando à manutenção do envolvimento conversacional¹⁴ (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 16, tradução nossa).

Foi seguindo essa linha de raciocínio que escolhemos os exemplos analisados, pois eles colocam em cena, de forma bastante elucidativa, o gerenciamento de intencionalidades: o primeiro, a partir de uma sequência de interincompreensões; e o segundo, com a manifestação explícita da tentativa de controle da direção enunciativa.

Um dos pontos mais criticáveis da Sociolinguística Interacional e, por isso, passível de reformulação, talvez seja a referência à ideia de comunicação bem sucedida. Na teorização de Gumperz, quanto mais próxima for a constituição sócio-cognitiva dos falantes, maior é a possibilidade de uma comunicação bem sucedida. Considerando que experiências subjetivas são sempre particulares (e isso é suscitado por algumas reflexões do próprio autor), a “falha” poderia ser vista como um princípio da comunicação em si e não uma eventualidade. É certo que os exemplos apresentados, como o diálogo entre Tatiele e Fausto Silva, são casos mais gritantes e evidentes da “falha de comunicação”; no entanto, cabe questionar também se, em interações aparentemente mais “bem sucedidas”, o intercâmbio de inferências e interpretações é realmente perfeito ou se há pontos em que a falha se manifesta. Embora ainda destituídos de reflexões mais aprofundadas, a segunda alternativa nos parece mais plausível.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada por Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BLOM, Jan; GUMPERZ, John. O significado social na estrutura linguística:

¹⁴ “[...] a sociolinguistic approach of communication must show how these features of discourse contribute to participant’s interpretations of each other’s motives and intents and show how these features are employed in maintaining conversational involvement” (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 1982b, p. 16).

alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (orgs.). **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre, AGE, 1998.

FIGUEROA, Esther. John Gumperz and Interactional Sociolinguistics: Intentionality, Interpretation and Social Meaning. In: **Sociolinguistic Metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.

GUMPERZ, John; COOK-GUMPERZ, Jenny. Introduction. In: GUMPERZ, John. **Language and Social Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

GUMPERZ, John. Sociolinguistics and communication in small groups. **Working Paper n. 33**. Language Behavior Research Laboratory: University of California, 1970.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos da Comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Recebido em: 4 de fev. de 2017.

Aceito em: 20 de jul. de 2017.